



# Cristãos: chamados à santidade

Christians: called to holiness

*Ademir Eing\**

*Paulo Sergio Chaves\*\**

Recebido: 30/11/2017. Aprovado: 22/03/2018.

**Resumo:** *O fio condutor que perpassa todo o caminho da santidade evangélica, que se concretiza a partir da aceitação do universal chamado à santidade, com o auxílio da graça de Deus, é constituído pelas virtudes teológicas, dentre as quais destaca-se a caridade. Na realidade, elas são necessárias para compreender a existência cristã, já que remetem às duas grandes balizas do discípulo de Cristo, isto é: a sua relação com Deus e com o próximo. A vida do crente está orientada para a transcendência. No entanto, o cristianismo postula um vínculo necessário entre vida sobrenatural e realidade concreta. Ora, a compreensão de Deus, enquanto totalmente Outro, constrói-se a partir do rosto do próximo, isto é, o 'outro imediato e palpável'. Portanto, é fundamental para a teologia cristã-católica ter sempre bem presente a importância do chamado à santidade feito a todos os cristãos, não só os consagrados e consagradas, e sua acuidade para a Igreja nos dias de hoje. Urge auxiliar o cristão em sua busca de resposta a Deus, que não se dá individualisticamente, mas sim comunalmente, enquanto membro do corpo eclesial, dando testemunho do Evangelho, buscando a santidade e praticando as virtudes*

**Palavras-chave:** *Graça. Virtudes. Santidade. Igreja. Cristãos.*

**Abstract:** *The wire that passes through all the way to evangelical holiness, which is concretized from the acceptance of the universal call to holiness, with the help of God's grace, is constituted by the theological virtues, among which is highlighted charity. Actually, they are necessary to understand the Christian existence, since they refer to the two great beacons of Christ's disciple, that is to say: his relation with God and with the neighbor. The believer's life is oriented toward transcendence. However, Christianity postulated a necessary link between supernatural life and concrete reality. Now, the understanding of God, while totally*

---

\* Mestre em Teologia Sistemática (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1992);  
Doutorando em Teologia Sistemática (PUC, Paraná).

E-mail: [adeing@libero.it](mailto:adeing@libero.it)

\*\* Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2013) e em Teologia (FACASC,  
Florianópolis, 2017).

E-mail: [paulinho1482@gmail.com](mailto:paulinho1482@gmail.com)





*Other, is built from the face of the neighbor, that is, the 'immediate and palpable other'. Therefore, it is fundamental for Catholic-Christian theology to always keep in mind the importance of the call to holiness made to all Christians, not only the consecrated ones, and their acuity for the Church in the present day. It is urgent to help the Christian in his search for a response of God, which is not given individually, but communally, as a member of the ecclesial body, giving testimony of the Gospel, seeking holiness and practicing the virtues.*

**Keywords:** Grace. Virtue. Holiness. Church. Christians.

## Introdução

A oferenda vespertina continua sendo elevada, mas não no santuário, pois o véu do templo se rasgou. O incenso ainda sobe vagarosamente aos céus, porém deixou de ser queimado pelo sumo sacerdote. Apareceu aquele que, não eleva apenas o incenso, mas a si mesmo como a oferta pura e sem mácula. Depois do Gólgota e da tumba da ressurreição, o desafio lançado, ou seja, ser santo como o Pai dos céus, não será privilégio de alguns poucos num certo lugar, pois o Espírito sopra aonde quer, ou melhor, até os confins da terra.

O Concílio Vaticano II redescobriu que, a partir de Jesus Cristo, o discípulo não pode ser antipático às realidades temporais, já que, não sendo do mundo, retorna a ele para transformá-lo. Depois do evangelho, o cristão não pode ser fugitivo, mas deve se fazer peregrino na história transfigurada pelo advento de Deus que irrompe a todo momento na vida da Igreja. Assim, a pergunta sobre como convém viver a santidade tomou uma nova forma diferente daquela que perpassou muitos séculos do itinerário cristão.

Desde sempre, a Igreja é cercada por movimentos que vêm de encontro dela e de sua doutrina, fazendo com que seja perseguida, com muitos de seus membros sendo martirizados por ódio à fé. Ainda hoje, muitos são mortos pelo mesmo motivo. Mas desde o século XVI outro fator invade o seio da Igreja, colocando em risco a própria fé. Algo silencioso, mas muito negativamente eficaz: a secularização. Ela induz o fiel a “crer” na ausência de Deus, deformando, assim, a compreensão e a prática da fé dos que creem, gerando esfriamento espiritual. Desse modo, os cristãos são provados a todo momento na sociedade atual, que está impregnada pela secularização e, além disso, por uma globalização que se caracteriza pelo materialismo e pelo individualismo. Trata-se de fatores que afetam diretamente a comunidade eclesial, cada um de seus



membros, e que geram grande preocupação pastoral ao afastarem os homens e mulheres de fé, da busca pela Verdade, do desejo pela santidade, da prática das virtudes.

O capítulo V da *Lumen Gentium*, referindo-se ao chamado universal à santidade, diz que todo cristão batizado possui a vocação de ser santo e aponta três características fundamentais desta vocação: o batismo, amar a Deus e imitar a santidade de Deus. Deseja-se que todos os cristãos, portanto também os leigos, percorram a via da santidade e sejam perfeitos na caridade. Esse é o chamado também dos leigos como expressa a *Lumen Gentium*: “Portanto, ainda que, na Igreja, nem todos sigam pelo mesmo caminho, todos são, contudo, chamados à santidade, e a todos coube a mesma fé pela justiça de Deus”.<sup>1</sup> Desse modo, os cristãos são chamados a buscar a santidade no ambiente que estão inseridos, mesmo tendo algumas pessoas que insistem na não existência de Deus.

Sendo um chamado universal, dirigido a todo cristão batizado, o tema da santidade perpassa todas as dimensões da comunidade eclesial. Por isso, correspondendo ao pedido de Jesus para que todos sejamos santos, a Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil (CNBB), no documento 105 (Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade), assinala também a importância deste chamado à santidade feito a todos, pois “na Igreja, a dignidade de todos está na regeneração em Cristo, na graça comum de filhos e filhas, na vocação comum à perfeição [santidade]”.<sup>2</sup>

Na verdade, cada um de nós já recebeu, com o sacramento do batismo, a santidade como um dom, como uma vocação. Devemos viver de tal modo a preservá-la e aperfeiçoá-la. João Paulo II, em sua visita a Florianópolis, por ocasião da beatificação de Madre Paulina, disse que: “A Igreja existe para a santificação dos homens em Cristo. É esta santidade que ela deve levar também aos homens do mundo secularizado para que não se profanizem. Por isso ela ensina também que santidade não é ‘alienação’, como às vezes se ouve dizer, mas uma maior familiaridade com as realidades mais profundas de Deus”.<sup>3</sup> Ora, a santidade é uma

<sup>1</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 78, LG 32.

<sup>2</sup> CNBB, 2016, p. 11, Doc. 105.

<sup>3</sup> JOÃO PAULO II. *Homilia do Santo Padre na Celebração da beatificação de Madre Paulina em Florianópolis*. Vaticano, 18 de outubro 1991. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19911018\\_florianopolis.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19911018_florianopolis.html)>. Acesso em: 08 mar. 2018.



força indispensável à evangelização e se os cristãos são protagonistas na Igreja devem, portanto, serem santos.

Este artigo tem por objetivo insistir na centralidade do chamado universal à santidade, indicado pelo Vaticano II e retomado pelo documento 105 da CNBB, destacando a importância dos cristãos, em buscarem a santidade e auxiliá-los nessa busca, mas muitas vezes lhes faltam orientações para essa finalidade. Resolveremos o tema em quatro pontos: chamado universal à santidade; a falta de interesse pela santidade; o auxílio fundamental da graça de Deus; e, por fim, refletiremos sobre as virtudes teológicas, nas quais deve embasar-se a vivência dos cristãos.

## 1 Santidade: chamado universal

Em todos os períodos da história da Igreja Católica houve um sopro do Espírito Santo sobre os homens e mulheres que constituem a comunidade cristã, para suscitar coisas novas com vistas à eficácia do pastoreio do povo de Deus. Desde o primeiro século da era cristã, situações no seio da Igreja que pareciam não ter saída, mas para as quais, por obra do Espírito Santo, se encontraram caminhos de solução. A partir dessas manifestações da graça de Deus, a Igreja apresentou o que o próprio Cristo deixara, tanto para instruir os ministros do povo de Deus, como para orientar os consagrados e os leigos, como sejam, a observância dos mandamentos e a prática das virtudes para alcançar a santidade e as bem-aventuranças.

No Concílio Vaticano II, a Igreja debruçou-se sobre questões acerca do mundo, das pessoas, da Palavra de Deus, da liturgia e de muitos outros pontos da vida e da missão eclesial. Dentre estas contribuições destacamos o capítulo V da *Lumen Gentium*, que apresenta o chamado universal à santidade. A Igreja volta a dar importância para aquilo que é particular de sua doutrina, ou seja, a busca pela perfeição cristã que por muitos foi alcançada e que se inicia no batismo e que também por muitos está sendo esquecida. É por ela que deve aspirar todo cristão, como diz São Paulo: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto” (Cl 3,1).

A Constituição *Lumen Gentium*, aponta três características fundamentais desta vocação, deste chamado universal à santidade. São elas: o batismo, pelo qual é infundida em nós a graça divina, que cresce em nós, para que cheguemos à perfeição; o amor a Deus, pois cumprindo, de



fato, esse primeiro mandamento, alcançaremos a santidade; e o terceiro, a imitação da santidade de Deus, proposta que encontramos no sermão da montanha e é um pedido do próprio Cristo: de sermos perfeitos como o Pai Celeste.<sup>4</sup>

A partir dessas três características todos nós podemos e devemos ser santos. A vocação à santidade está implícita no batismo que recebemos e que nos inseriu no corpo de Cristo, que é a Igreja. Sendo a santidade um chamado universal para todos e não somente aos que têm funções específicas na hierarquia da Igreja, cabe, portanto, a todos os cristãos – consagrados e leigos – trilharem este caminho. Dizer que a santidade é para um grupo seria reduzir a um público específico aquilo que é vontade de Deus para cada um de nós.

Após pedir que todos os cristãos, independentemente de seu estado ou ordem dentro da Igreja, percorram a via da santidade e sejam perfeitos na caridade, a *Lumen Gentium* afirma: “Com o fim de conseguir esta perfeição façam os fiéis uso das forças recebidas segundo a medida da doação de Cristo, para que, seguindo Seus vestígios e feitos conformes à Sua imagem, cumprindo em tudo a vontade do Pai, se dediquem interiormente à glória de Deus e ao serviço do próximo”.<sup>5</sup>

Deste modo, para falar do chamado à santidade aos fiéis leigos, como expresso na *Lumen Gentium*, São João Paulo II, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, sobre os fiéis leigos no serviço da Igreja, no número 16, retoma esse assunto:

*A dignidade do fiel leigo revela-se em plenitude quando se considera a primeira e fundamental vocação que o Pai, em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo, dirige a cada um deles: a vocação à santidade, isto é, à perfeição da caridade. O santo é o testemunho mais esplêndido da dignidade conferida ao discípulo de Cristo.*<sup>6</sup>

Antônio Royo Marín discorre sobre determinada noção de obrigação à santidade. Contudo, não se trata de um dever meramente imposto, mas de um anseio espontâneo, de tal forma que busquemos a santidade com satisfação, vontade e conhecimento desta possibilidade à qual somos

<sup>4</sup> Cf. MARÍN, Antônio R. *Ser ou não ser santo*: eis a questão. Trad. Ricardo Harada. São Paulo: Ecclesiae, 2016. p. 34.

<sup>5</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2000. p. 87, LG 40.

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 38, CFL 16.



chamados. “Se estamos *obrigados* a aspirar à santidade e a tender a ela com todas as nossas forças, é porque a santidade está perfeitamente ao nosso alcance”.<sup>7</sup> Essa obrigação, explica o autor, não constitui um fardo pesado, que o batizado deve carregar com pesar. Diz respeito a uma obrigação de *tendência*, de *aspiração leal e sincera*, a partir da consciência de seu batismo. Ora, escreve São João Paulo II:

*A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santidade (Rm 6,22; cf. Gl 5,22), suscita e exige de todos e de cada batizado o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento de suas bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo os pequeninos, os pobres e doentes.*<sup>8</sup>

Ao deixar de lado uma busca consciente da santidade, incorre-se em faltar com a graça batismal, com a exigência prescrita no primeiro mandamento, que nos diz para amarmos a Deus e que implica o chamado à santidade,<sup>9</sup> a sermos santos como Ele é santo. Por esse motivo, observa-se no meio cristão a falta de interesse na busca pela santidade e devemos procurar a perfeição.

## 2 A falta de interesse pela santidade pelos cristãos

Faz-nos pensar a falta de interesse, ou as resistências e os insucessos na via rumo à santidade: por quais razões fundamentais isso acontece? Por quais outros sentidos deixamos de lado esse chamado universal à santidade? Uma das razões, refere-se a não utilização dos meios necessários, pois sem eles “é impossível se chegar ao fim”.<sup>10</sup> O autor aponta três obstáculos que devem ser removidos da vida do ser humano, para alcançar a perfeição cristã: um de ordem natural, a falta de energia de caráter; e outros dois de ordem sobrenatural, a falta do desejo de santidade e a falta da direção espiritual.

<sup>7</sup> MARÍN, 2016, p. 35, grifo do autor.

<sup>8</sup> JOÃO PAULO II, 2011, p. 40, CFL 16.

<sup>9</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 36.

<sup>10</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 39.



## 2.1 Energia de caráter

No caminho em direção à santidade se faz necessária na vida do ser humano uma postura puramente natural para alcançar tal objetivo, que, de fato, é necessária para que a graça – único princípio que nos leva à plenitude cristã – aja em nós. “Não é de surpreender que, para atingir um fim sobrenatural, deva-se empregar alguns pressupostos de ordem puramente psicológica e natural”.<sup>11</sup> A necessidade que temos de um agir natural é para que a graça de Deus, sobrenatural, possa ser desenvolvida sem nenhum obstáculo, o qual deve ser retirado pelo agir natural. Assim escreve Marín: “O natural atua unicamente removendo os obstáculos que impedem e dificultam o caminho [...] e não porque possa produzir, por si mesmo, qualquer efeito sobrenatural”.<sup>12</sup> Portanto, caracteriza-se como obstáculo a falta de energia de caráter, e é justamente pelo aspecto natural que tal barreira deve ser retirada.

Deste modo, na vida do cristão é essencialmente necessária uma vontade enérgica para alcançar a perfeição. Assim, com essa vontade pode-se, realmente, vencer muitos obstáculos que aparecem pelo caminho, mas empregando nessa pretensão uma carga de energia abundante. Diz Marín: “pode-se chegar à plena posseção de si mesmo, ao domínio e emancipação das paixões, à plena libertação de falsas influências exteriores”.<sup>13</sup> Percebe-se, neste agir, o entusiasmo dos mártires que mesmo na perseguição seguiram firmes.

## 2.2 Desejo de santidade

O desejo de santidade não é uma vontade natural, mas sai desse âmbito e entra diretamente no contexto sobrenatural, pois a aspiração sincera de alcançar a perfeição cristã acontece pela autoridade imediata da graça divina.<sup>14</sup> Neste sentido, não basta unicamente querer, no sentido natural, mas pelo nosso esforço enérgico é preciso deixar que a graça divina atue em nós, para que alcancemos “o cume da montanha do amor”.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> MARÍN, 2016, p. 40.

<sup>12</sup> MARÍN, 2016, p. 41.

<sup>13</sup> MARÍN, 2016, p. 42.

<sup>14</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 43.

<sup>15</sup> MARÍN, 2016, p. 44.



Para que tenhamos um desejo ardente e se afaste de nós a falta de aspiração pela santidade, dois princípios são necessários e, entre si, complementam-se. O primeiro diz respeito à qualidade do desejo de santidade, pois, “para se obter dela toda sua eficácia santificadora”,<sup>16</sup> precisa possuir seis qualidades: deve ser sobrenatural, profundamente humilde, sumamente confiante, predominante, constante e progressivo, prático e eficaz. O segundo ponto fala sobre o aumento desse desejo de santidade “para avivar em nós o desejo eficaz da perfeição e da mais elevada santidade”<sup>17</sup>, através de três meios importantes: pedi-lo incessantemente a Deus, renovar com frequência este desejo e meditar sobre os motivos para querer a santidade como cristão leigo.

### 2.3 Direção espiritual

Uma das razões, que implica o fracasso de muitos cristãos na busca da perfeição está pautada na direção espiritual. Não raras vezes, uma direção espiritual procede de forma equivocada, tanto da parte do orientador, como do dirigido. Ora, nem todos os cristãos leigos têm acesso a essa opção dada pela Igreja, pois não se fala sobre ela de forma costumeira nas paróquias e, deste modo, a culpa maior recai sobre os responsáveis pelo povo de Deus. É dever dos pastores orientar e conduzir os fiéis no caminho da santidade. Assim escreve J. Strus:

*Vista sob o aspecto do significado próprio, a direção espiritual exprime o interesse, o desejo e o empenho para a santidade. Vista sob o aspecto dos protagonistas, ela é o caminho e a comunicação dos quais tomam parte a pessoa que se empenha para a santidade (a pessoa dirigida), a pessoa que a ajuda a progredir no caminho rumo à santidade (chamada impropriamente de diretor espiritual) e o Espírito Santo, que efetivamente dirige, diretor e animador por excelência.*<sup>18</sup>

Desde muito tempo na história da Igreja a direção espiritual é considerada importante, porém há pouca busca por parte dos fiéis no tempo hodierno, excetuando-se os que discernem a vocação sacerdotal e religiosa, ou os cristãos que, de algum modo adquiriram uma formação

<sup>16</sup> MARÍN, 2016, p. 44.

<sup>17</sup> MARÍN, 2016, p. 48.

<sup>18</sup> STRUS, J. Direção Espiritual. In: ANCILLI, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (Org.). *Dicionário de espiritualidade*. Trad. Orlando Soares Moreira, Silvana C. Leite. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2012. p. 767.



espiritual mais abrangente na sua caminhada cristã e buscam, assim, na direção espiritual, o auxílio necessário na busca pela santidade. Ora, um fator que pode ter contribuído para esse desinteresse pela direção espiritual, reside no desconhecimento de sua importância.

Segundo Marín, o diretor deve traçar a rota que a alma precisa abraçar. Neste sentido, não é papel do diretor forçar o seguimento, mas, em certo sentido, guiar com serenidade e respeitando sempre a liberdade de quem é dirigido. No entanto, ao perceber um impulso vindo da graça de Deus, com o qual a alma se decide por trilhar o caminho da perfeição cristã, o diretor espiritual deve pôr-se depressa no auxílio deste ser humano. O diretor sabe que neste caminho haverá muitas barreiras e é seu papel orientar a busca até Deus, pois não deve haver limites nem mesmo obstáculos no percurso buscado pela alma rumo à santidade.<sup>19</sup>

De fato, a direção espiritual é importante e necessária no caminho rumo à perfeição cristã e não é meramente uma imposição doutrinal, ou somente para pessoas no caminho de uma consagração. Antes, é comprovada na Sagrada Escritura: “Segue o conselho dos prudentes e não desprezes nenhum bom conselho” (Tb 4,18), “Não faças nada sem conselho: não te arrependerás de teus atos” (Eclo 32,24), “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10,16). Esses textos não acenam diretamente à direção, mas a insinuam o bastante; ela é evidenciada também pela prática da Igreja, pois aparece desde muito tempo, principalmente com os apóstolos e pela própria psicologia humana, pois ninguém pode ser capaz de julgar a si mesmo.<sup>20</sup> Portanto, na busca pela santidade as dimensões humanas e divinas trabalham juntas, porém a graça de Deus tem um peso maior, pois ela auxilia o cristão nesse caminho.

### 3 A graça de Deus

O ser humano por si só não tem as forças necessárias para alcançar a santidade, mas conta com a graça de Deus derramada em seu coração a partir do batismo. Ora, a teologia dogmática nos aponta três fatores essenciais que fizeram com que o ser humano caminhasse, desde sempre, em direção à perfeição, e que são noções primárias para que entendamos a ação da graça santificante em nós.

<sup>19</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 52.

<sup>20</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 53-55.



### 3.1 Criação, pecado, redenção

O primeiro fator básico se refere à elevação do ser humano à ordem sobrenatural, e isto começa na sua criação. O ser humano foi criado para Deus. Segundo Marín, “desde o primeiro instante de sua existência, nosso primeiro pai foi ‘constituído em santidade e justiça’”.<sup>21</sup> O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, conforme o livro do Gênesis, ao relatar o ato criador. Sobre tal passagem declara Müller: “Foi criado à imagem de Deus, como essência corpóreo-espiritual. [...] À sua natureza pertence a relação pessoal e transcendental com Deus”.<sup>22</sup> O Concílio Vaticano II, sobre a missão do ser humano enquanto imagem e semelhança de Deus, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma: “Com efeito, o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, recebeu a missão de submeter a terra com tudo o que nela existe, de governar o mundo em justiça e santidade e, reconhecendo a Deus como Criador de tudo, orientar para ele o seu ser e tudo o mais”.<sup>23</sup>

Deus, ao criar o ser humano criou-o com a missão de transmitir aquilo que recebera da parte de seu criador. Adão deveria ter anunciado a todo gênero humano essa abundante riqueza sobrenatural oferecida por Deus, mas pelo acidente do pecado original (2º fator), que atingiu Adão, o ser humano perdeu o imenso tesouro sobrenatural dado por Deus.<sup>24</sup> Sobre a doutrina do pecado original, na dogmática católica, Müller afirma:

*Com o termo pecado hereditário designa-se o fato de que o ato pecaminoso e voluntário de Adão provocou a perda da “justiça e santidade” que lhe havia sido oferecida em nome de toda a sua descendência. Ele é “culpa”, dado que todo ser humano é devedor da constituição original em “justiça e santidade” que o santifica e o eleva a uma relação de amizade com Deus.*<sup>25</sup>

Em seu amor infinito, Deus enviou seu Filho para redimir os seres humanos. De fato, só de maneira sobrenatural pode-se reparar o

<sup>21</sup> MARÍN, 2016, p. 83.

<sup>22</sup> MÜLLER, Gerhard L. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Trad. Volney B.; Paulo F. Valério; Vilmar Schneider. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 128.

<sup>23</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 177, GS 34.

<sup>24</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 84.

<sup>25</sup> MÜLLER, 2015, p. 108.



desastre provocado por Adão. Deste modo, por sua redenção (3º fator), “Cristo reestabelece a relação dos seres humanos com Deus, destruída pelo pecado, ao tomar sobre si, como alguém sem pecado, nossos pecados em nosso lugar”.<sup>26</sup> Portanto, foi com o sacrifício de obediência, em que “abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre uma cruz” (Fl 2,8) que, segundo Marín, o Filho de Deus, obedecendo ao Pai, “restabeleceu com seu sacrifício redentor a ordem violada pelo pecado de Adão, restaurando para sempre a vida sobrenatural à qual haviam sido elevados nossos primeiros pais”.<sup>27</sup> Assim sendo, graças a Cristo, fonte única de nossa vida sobrenatural, podemos ter uma verdadeira participação na natureza de Deus com a graça santificante, tudo pelo preço pago com seu sangue divino, por sua ação salvadora.

### 3.2 Graça Santificante

Vistas essas noções fundamentais da dogmática católica, podemos entender que sem a graça de Deus não conseguimos alcançar a perfeição cristã, pois nossos primeiros pais pecaram e carregamos conosco essa marca. Para superá-la, contamos sobremaneira com a graça de Deus. Deste modo, no caminho da santidade cristã, a partir da abertura do ser humano, é da parte de Deus que vem a força propulsora pela graça santificante. Assim, “a graça santificante é um dom divino, uma qualidade sobrenatural infundida por Deus em nossa alma que nos dá uma participação física e formal da mesma natureza divina fazendo-nos semelhantes a ele em sua própria razão de deidade”.<sup>28</sup> A partir dela, poderemos afastar o desinteresse pela santidade e voltarmos, de forma enérgica, a buscá-la com um interesse sincero e o auxílio da direção espiritual.

Ora, a graça santificante nos faz participantes do plano divino e nos faz verdadeiros filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs de Jesus e co-herdeiros com ele da glória eterna.<sup>29</sup> Contudo, ela não é simplesmente operativa, quer dizer, depende de nós, pois ela é dada na ordem do ser e não da operação. “A graça não faz nada por si mesma”,<sup>30</sup> mas é imprescindível, visto que é ela que nos proporciona a *vida* sobrenatural.

<sup>26</sup> MÜLLER, 2015, p. 270.

<sup>27</sup> MARÍN, 2016, p. 85.

<sup>28</sup> MARÍN, 2016, p. 86.

<sup>29</sup> Cf. MARÍN, 2016, p. 92.

<sup>30</sup> MARÍN, 2016, p. 92.



Deus dotou nossa alma de muitos elementos necessários, a saber: Deus previu tudo e dotou a alma em estado de graça de todos os elementos necessários para que possa realizar os atos sobrenaturais correspondentes à vida sobrenatural, cujo princípio básico e estático é a própria graça santificante.<sup>31</sup>

Deus infundiu no coração do ser humano, junto com a graça santificante, os dons do Espírito Santo e as virtudes infusas que são operadas, quer dizer, que são colocadas em movimento de forma sobrenatural através da *graça atual*. Destarte, a partir desta graça, segundo Marín, “Deus ilumina nosso entendimento e nossa vontade para realizar atos sobrenaturais procedentes das virtudes infusas ou dos dons do Espírito Santo”.<sup>32</sup> Portanto, para alcançarmos a santidade, precisamos da *graça atual*, pois ela é indispensável à nossa vida cristã e é como o combustível que faz mover as virtudes infusas e os dons do Espírito.

Há, portanto, de nossa parte, a responsabilidade de correspondermos a essa ação de Deus que, sem cessar, derrama continuamente sua graça para vencermos as tentações e caminharmos rumo à santidade, de maneira que não desperdicemos, ou melhor, não usemos de forma errônea sua graça, seus dons e suas virtudes infusas em nós. Assim escreve Paulo: “Exortamo-vos ainda a que não recebeis a graça de Deus em vão” (2Cor 6,1). Cabe-nos, portanto, rezar para que obtenhamos de Deus as graças atuais necessárias para darmos testemunho de uma autêntica vida cristã pautada no Evangelho, e alcançarmos a plenitude eterna.

O caminho da santidade tem três fundamentos essenciais: a recepção dos sacramentos, a prática fervorosa das virtudes e uma oração eficaz. Portanto, as virtudes são o segundo fundamento essencial que prepara o cristão para sua santificação, que “consiste na prática e exercício cada vez mais perfeito das virtudes cristãs, sobrenaturais *infusas*”.<sup>33</sup>

Nesse contexto da espiritualidade cristã, voltada à santidade, nota-se a comunhão entre os autores, pois bebem das mesmas fontes, ou seja, a Sagrada Escritura, a Tradição cristã e o Magistério, que aperfeiçoaram no seio da Igreja, durante os séculos, os conceitos das virtudes. Assim, apontam as virtudes teologais como sendo as mais importantes na vida cristã, como afirma Marín:

<sup>31</sup> MARÍN, 2016, p. 92.

<sup>32</sup> MARÍN, 2016, p. 93.

<sup>33</sup> MARÍN, 2016, p. 99, grifo do autor.



*Seu ofício é unir-nos intimamente a Deus como verdade infinita (a fé), como suprema Bem-aventurança para nós mesmo (a esperança) e como sumo Bem em si mesmo (a caridade). São as únicas que estão em relação imediata com Deus; todas as demais se referem imediatamente a coisas distintas de Deus. Daí a suprema excelência das virtudes teologais sobre todas as demais.*<sup>34</sup>

Deste modo, as virtudes teologais são necessárias para que os cristãos alcancem a bem-aventurança, proporcionando uma vida adequada segundo a sua vocação, ou seja, atingir a perfeição cristã, à qual todos nós somos chamados: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mc 5,48). Este apelo feito pelo próprio Cristo e que precisamos assumi-lo de forma integral perpassou a história da Igreja concretizando-se em diversos testemunhos que assumiram essa vocação. “A Igreja sempre manteve essa doutrina desde os tempos apostólicos”<sup>35</sup> e ratificou-a no Concílio Vaticano II: “Por isso, na Igreja, todos, quer pertençam à Hierarquia, quer sejam por ela apascentados, são chamados à santidade”<sup>36</sup>. Para alcançarmos tal perfeição devemos configurar-nos a Cristo, tarefa que não pode prescindir da fé, esperança e caridade, dado que são os meios necessários pelos quais o cristão podem atingir a vida perfeita dispensada por Cristo na cruz e vivida pelos santos.

#### 4 Virtudes teologais: caminho à santidade para os leigos

Coube a São João Paulo II a tentativa de fazer entender as particularidades do Vaticano II. Uma tarefa nada fácil, pois toda novidade gera conflitos e neste contexto não foi diferente. Contudo, o papa polonês, que fora um dos padres conciliares, ainda imbuído do Vento reformador do concílio, instaurou uma comissão (1986) com o intuito de preparar um projeto para o novo *Catecismo* que o concílio exigira. Na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, elaborada para a publicação do referido Catecismo da Igreja Católica, ele escreveu logo ao início:

*Guardar o depósito da fé é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos. O Concílio Ecumênico Vaticano*

<sup>34</sup> MARÍN, 2016, p. 179-180, grifo do autor.

<sup>35</sup> MARÍN, 2016, p. 24.

<sup>36</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2000, p. 86, LG 39.



*II, inaugurado há trinta anos pelo meu predecessor João XXIII, de feliz memória, tinha como intenção pôr em evidência a missão apostólica e pastoral da Igreja, e, fazendo resplandecer a verdade do Evangelho, levar todos os homens a procurarem e acolherem o amor de Cristo que excede toda a ciência (cf. Ef 3,19).<sup>37</sup>*

Desta maneira, surge a intenção do *Catecismo da Igreja Católica*, isto é, apresentar aos católicos o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição, do Magistério, das santas e santos da Igreja, permitindo, assim, que os fiéis se instruem neste conhecimento. De fato, assim se fez, e declara João Paulo II: “O Catecismo da Igreja Católica [...], é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhadas e iluminadas pela Sagrada Escritura, pela Tradição e pelo magistério da Igreja”.<sup>38</sup> Portanto, o *Catecismo* é uma ferramenta que auxilia o católico a conhecer a sua doutrina, entender a razão de sua esperança e ter mais ciência daquilo em que acredita.

#### 4.1 As Virtudes teologais segundo o *Catecismo*

As descrições contidas no Catecismo sobre as virtudes refletem o desenvolvimento teológico maturado no decorrer da história da Igreja, a partir da Sagrada Escritura, pelos santos e teólogos.

As virtudes teologais são o dinamismo do agir cristão em direção a Deus e orientam seu agir moral. Ora, elas são infundidas por Deus e somente assim, com esta graça, os fiéis podem agir como seus filhos. “São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano”.<sup>39</sup> O *Catecismo*, a partir da *Primeira Carta de Paulo aos Coríntios* (capítulo 13), desenvolve a natureza e o conteúdo da fé, esperança e caridade.

A fé “é a virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo que nos disse e revelou, e que a Santa Igreja nos propõe crer, porque ele é a própria verdade”.<sup>40</sup> A respeito dessa entrega do ser humano a Deus pela fé, o *Catecismo* retoma o que declarou o Vaticano II, na *Dei Verbum*:

<sup>37</sup> JOÃO PAULO II. Constituição Apostólica *Fidei Depositum*. 1992, Vaticano. In: CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1993. p. 7.

<sup>38</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1993. p. 11.

<sup>39</sup> CATECISMO..., 1993, p. 488, CIC 1813.

<sup>40</sup> CATECISMO..., 1993, p. 488-489, CIC 1814.



*Ao Deus que revela deve-se “a obediência da fé” [...], pela qual o homem livremente se entrega todo a Deus prestando “ao Deus revelador um obsequio pleno do intelecto e da vontade” e dando voluntário assentimento à revelação feita por ele. Para que se preste essa fé, exigem-se a graça prévia e adjuvante de Deus e os auxílios internos do Espírito Santo, que move o coração e converte-o a Deus, abre os olhos da mente e dá “a todos suavidade no consentir e crer na verdade”.<sup>41</sup>*

A virtude da esperança faz-nos esperar pela felicidade eterna, o Reino dos Céus, ou seja, “pondo nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças próprias, mas no socorro da graça do Espírito Santo”.<sup>42</sup> O *Catecismo* aponta uma série de indicações sobre a virtude da esperança, principalmente em sua eficácia para que o ser humano alcance a bem-aventurança. Sobre a esperança, o *Catecismo* diz:

*Podemos esperar, pois, a glória do céu prometida por Deus aos que o amam e fazem sua vontade. Em qualquer circunstância, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, “perseverar até o fim” e alcançar a alegria do céu como recompensa eterna de Deus pelas boas obras praticadas com a graça de Cristo.<sup>43</sup>*

O *Catecismo*, seguindo a forma da trilogia de Paulo, quando apresenta as virtudes na *Carta aos Coríntios*, chega à virtude da caridade sem a qual, segundo o próprio apóstolo, tudo o mais nada seria. É o mandamento novo colocado por Jesus aos seus discípulos na última ceia, “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12), que se realiza plenamente em sua entrega na Cruz. Concretiza-se no nosso amor a Deus e ao próximo, considerando que na relação com o outro deve se manifestar o nosso amor para com Deus. “A caridade é a virtude teológica pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si mesmo, e ao nosso próximo como a nós mesmos, por amor a Deus”.<sup>44</sup> Deste modo, a caridade é a virtude que nos leva à perfeição e é por ela que toda a vida cristã é animada. “A caridade assegura e purifica nossa capacidade humana de amar, elevando-a à perfeição sobrenatural do amor divino”.<sup>45</sup>

<sup>41</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. 1964. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 124, DV 5.

<sup>42</sup> CATECISMO..., 1993, p. 489, CIC 1817.

<sup>43</sup> CATECISMO..., 1993, p. 490, CIC 1821.

<sup>44</sup> CATECISMO..., 1993, p. 491, CIC 1822.

<sup>45</sup> CATECISMO..., 1993, p. 492, CIC 1827.



Todavia, vemos nos santos o exemplo da graça santificante em ação, que não age autonomamente, mas pela energia empregada por eles no desejo de santidade, isto é, de se configurarem em tudo a Cristo. Buscaram, portanto, pautar suas vidas nos sacramentos, na oração e na prática das virtudes. Deste modo, o fio unificador entre a graça de Deus e a vivência evangélica dos santos, concretiza-se nas virtudes teologais: fé, esperança e caridade, dentre as quais, destaca-se a caridade (amor), que os fizeram alcançar o prêmio da vida eterna e que nós, como cristão leigos e legas devemos buscar, pois para isso também fomos chamados e, a partir dessa busca pela santidade, seremos sal da Terra e luz no mundo.

### Considerações finais

Ao longo da história da Igreja Católica o Espírito Santo soprou sobre os seres humanos suscitando coisas novas, no que se refere ao cuidado do povo de Deus. Ora, a partir dessa manifestação da graça divina, a Igreja foi elaborando sua doutrina, a qual visa instruir os membros do povo de Deus na busca pela santidade. Para isso, é preciso conhecer esse chamado, ter interesse em buscá-lo, utilizando-se dos meios necessário e praticar as virtudes, pois todos os cristãos são chamados à alcançá-la.

No século XX surge um novo derramar do Espírito Santo, que impulsionou a realização do Concílio Vaticano II. Assim, dentre as várias constituições dogmáticas, foi na Constituição *Lumen Gentium* que apareceram três características fundamentais a respeito desta vocação à santidade: o batismo, o amor a Deus e a imitação da santidade de Deus. Para que isso aconteça, Deus infundiu no coração do ser humano, junto com a graça santificante, os dons do Espírito Santo e as virtudes infusas que são operadas, quer dizer, colocadas em movimento de forma sobrenatural através da graça divina.

Devemos, portanto, corresponder a essa ação de Deus que, sem cessar, derrama continuamente sua graça para vencermos as tentações e para que tenhamos interesse pela santidade, de maneira que não desperdicemos, ou melhor, não usemos de forma errônea sua graça, seus dons e suas virtudes infusas em nós.

As descrições contidas no Catecismo sobre as virtudes refletem o desenvolvimento teológico maturado na Igreja no decorrer de sua história, a partir da Sagrada Escritura. Assim sendo, o fio unificador para sermos cristão que buscamos a perfeição no mundo, concretiza-se



na prática das virtudes teologais da fé, esperança e caridade, dentre as quais, destaca-se a caridade.

Portanto, para que alcancemos a santidade, é preciso afastar tudo aquilo que impede essa busca. Assim, emprega-se o desejo por ser santo, utilizando-se de algumas ferramentas como auxílio na busca dessa vocação. Deste modo, faz-se necessário contemplar a vida dos cristãos – homens e mulheres –, que a alcançaram e percebermos que eles, a partir da oração e da *práxis* evangélica, deixaram-se guiar pela graça santificante, que os orientou para o melhor conhecimento de Deus em Jesus Cristo, na ação do Espírito Santo e seus ensinamentos, chegando a perfeição cristã e se tornaram exemplos para cada um de nós na busca pela perfeição que, segundo a *Lumen Gentium* e retomado pelo Documento 105 da CNBB é um chamado universal e que devemos almejar.

## Referências

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. 1964. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Constituição Apostólica *Fidei Depositum*. 1992, Vaticano. In: CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Homilia do Santo Padre na Celebração da beatificação de Madre Paulina em Florianópolis*. Vaticano, 18 out. 1991. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/John-paul-ii/pt/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19911018\\_florianopolis.html](https://w2.vatican.va/content/John-paul-ii/pt/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19911018_florianopolis.html)>. Acesso em: 08 mar. 2018.



MARÍN, Antônio R. *Ser ou não ser santo: eis a questão*. Trad. Ricardo Harada. São Paulo: Ecclesiae, 2016.

MÜLLER, Gerhard L. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Trad. Volney B.; Paulo F. Valério; Vilmar Schneider. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

STRUS, J. Direção Espiritual. In: ANCILLI, Ermanno; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (Org.). *Dicionário de espiritualidade*. Trad. Orlando Soares Moreira, Silvana C. Leite. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2012.